



UTOPIA E DECOLONIALIDADE EM *O PAÍS DAS MULHERES*, DE GIOCONDA BELLI*

UTOPIA AND DECOLONIALITY IN THE COUNTRY OF WOMEN, BY GIOCONDA BELLI

Giovanna de Araújo Leite¹

Resumo: Utopia e decolonialidade caminham juntas, trazendo sonhos e esperanças de onde se pode tirar um pensamento de ação e de mudança. Em “O país das mulheres”, Gioconda Belli cria um cenário onde a proposta é buscar soluções para enfraquecer o patriarcado, excluindo os homens dos serviços públicos e decretando que eles trabalhem remuneradamente apenas no espaço doméstico. O objetivo geral é analisar se há a presença de um feminismo civilizatório branco-burguês e o objetivo específico é refletir se isso acontece. A metodologia adotada é bibliográfica e qualitativa. Como resultados, destaca-se a inter-relação entre utopia e decolonialidade para transformar consciências em prol de sujeitos excluídos e despossuídos e assim, conclui-se que o “risco da essência” em favor das mulheres se edifica de forma positiva na obra.

Palavras-chave: Utopia. Decolonialidade. Escrita de Mulheres. Gioconda Belli.

Abstract: Utopia and decoloniality go hand in hand, bringing dreams and hopes from where one can draw a thought of action and change. In “The country of women”, Gioconda Belli creates a scenario where the proposal is to seek solutions to weaken patriarchy, excluding men from public services and declaring that they work remunerated only in the domestic space. The general objective is to analyze whether there is the presence of a white-bourgeois civilizational feminism, and the specific objective is to reflect on whether that happens. The methodology adopted is bibliographic and qualitative. As results, the interrelationship between utopia and decoloniality is highlighted to transform consciences in favor of excluded and dispossessed subjects and thus, it is concluded that the “risk of the essence” in favor of women is built positively in the work.

Keywords: Utopia. Decoloniality. Women’s Writing. Gioconda Belli.

¹ Doutoranda em Literatura e Interculturalidade, orientanda do Professor Doutor Antonio de Pádua Dias da Silva. Docente efetiva na Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns – AESGA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5585-3180>. E-mail para contato: giovanna37leite@gmail.com.

* Artigo recebido em 27 de julho de 2022. Aceito para publicação em 04 de novembro de 2022.

Introdução

Na leitura de “O país das mulheres”, a luta de Viviana Sansón e suas companheiras demonstra que as questões das mulheres ainda estão sendo superadas na América Latina, pois o discurso opressivo em torno das relações desiguais de trabalho permanece com bastante força, fazendo-me refletir sobre o posicionamento de mulheres conscientes oriundas de um país latino-americano em busca da equidade, da justiça social e da decolonização. Com base na proposta decolonial de Vergès (2020, p. 43), visualizo, nesta obra literária nicaraguense, uma narrativa que retrata mulheres conscientes de si lutando incansavelmente para “reescrever a história do feminismo desde a colônia” tentando construir um feminismo decolonial que não se contenta “em pensar a colônia como uma questão subsidiária da história”.

A autora Gioconda Belli nasceu na Nicarágua, América Central, em nove de dezembro de 1948. É uma escritora viva e amante do seu país, reconhecendo todas as opressões de seu povo desde a colonização. Ela retrata em suas obras o amor, a feminilidade, a maternidade e a política juntamente com a energia biológica do “ser mulher” militante, tanto na política como na literatura. De acordo com Lemos (2012, p. 09) “em 1967, quando se casa e logo é mãe, percebe que a vida doméstica não pode abarcar suas inquietudes e que o ambiente privilegiado da burguesia nicaraguense a envolvia e sufocava”. Assim, a literatura de Belli vai retratar essa luta constante da mulher na construção de um novo horizonte, longe deste espaço sufocante e patriarcal ao qual a mulher está aprisionada.

Em “O país das mulheres”, Belli (2011) parece mesclar um “tom” profeminista, que remete aos empreendimentos propagadores de ideias progressistas sobre os espaços das mulheres na esfera doméstica-privada, pública e política, clivando a narrativa onisciente, com diálogos entre os/as personagens e fazendo com que a ficção e a teoria feminista, ora eurocêntrica, ora decolonial, sejam expostas nos dois discursos narrativos, indireto livre e discurso direto, inquietando a leitura para questionamentos sobre a atitude das personagens do Partido da Esquerda Erótica – PEE e a prática desta teoria feminista proposta na obra.

As personagens do PEE contestam todo o sistema patriarcal vigente e encaminham a política do país de Fágua para uma outra postura, movida pela energia da essência tradicionalista e biológica do feminino, não como uma atitude conservadora e limitada dos feminismos eurocêntricos e civilizatórios, mas como um posicionamento estratégico de criação de uma outra política, encorpada pelos valores da mulher, desde o biológico ao social mas tendo uma perspectiva contextual de um país latino-americano e oprimido, para, somente assim, alcançar o enfraquecimento do poderio masculino, que se pautou historicamente pela exclusão da mulher na política por meio da violência, misoginia e opressão.

As mulheres do PEE, encabeçado pela jornalista e apresentadora de televisão Viviana Sansón, a escolhem para se candidatar a presidenta de Fátguas, denunciando as corrupções dos homens que governaram secularmente aquele país até que Viviana consegue, de fato, derrotar o grupo centenário de homens detentores do poder em sua campanha presidencial e, ao vencer as eleições, decreta a retirada imediata de todos os homens do serviço público e político de Fátguas, a fim de que as relações de opressão dos homens para com as mulheres iniciem um processo de enfraquecimento por meio da atuação autônoma das mulheres no setor público e político, sem que a presença masculina nestes setores decisivos da sociedade afetasse o desempenho feminino.

O decreto unilateral e temporário de que aos homens seria permitido apenas o trabalho no espaço doméstico foi o passo primordial para que na obra, somente assim, houvesse a possibilidade de reconstrução de uma nova governança pautada no aqui e no agora por meio dos princípios da cooperação, do diálogo e do contato, ao contrário do governo dos homens que fora pautado nos princípios do individualismo e da violência.

Pude verificar que a atitude política de Viviana Sansón se traduziu numa vontade utópica transformadora e decolonizadora em administrar o seu país sob a energia da maternidade, governando Fátguas como uma mãe cuida do/a filho/a. Percebi também que o romance apresenta a estratégia de escolha pelo “risco da essência”, tão criticado pelo feminismo eurocêntrico e ocidental pelos elementos do essencialismo biológico para contra-argumentar questões ainda não superadas pelos movimentos do feminismo de Segunda Onda, que se ampararam fortemente pelo Construcionismo do pensamento de Simone de Beauvoir (1967), a qual sempre trouxe em seus escritos a feminilidade como uma limitação da existência da mulher à imanência e à reprodução da espécie, considerando a própria biologia feminina como a grande responsável por enraizar as mulheres na imanência, dando poder e autoridade às instituições patriarcais a restringirem as atividades das mulheres apenas ao cuidado pela aparência, ao trabalho doméstico e à criação dos/as filhos/as. Assim, o pensamento crítico de Beauvoir se concentrou no fato de que a opressão das mulheres foi facilitada com o confinamento e a mutilação das potencialidades delas pelas exigências patriarcais de que elas fossem objetos agradáveis e ao mesmo tempo fossem respeitadas para os homens.

Neste sentido, aponto a problemática de como a escolha do “risco da essência” discutido pela teórica Fuss (2017) pode contribuir para o entendimento da sociedade de “O país das mulheres”, como uma política decolonizadora tanto do patriarcado como do pensamento das feministas brancas eurocêntricas, pois o espaço público antes dominado pelos homens, foi dominado pelas mulheres em uma “Utopia do Felicismo”, chamada de ginocentrismo, em que o poder político passa a

se organizar sob o comando exclusivo de mulheres autônomas e expoentes de sua feminilidade como algo positivo e potente.

Assim, fundamento-me também nos estudos sobre utopia com base em Bloch (2005) que traz a esperança em ação na *práxis*, por meio do que ele chamou de “sonho diurno”, um sonho elaborado e posto na prática desde o presente para o futuro em forma do que se chamou de “consciência antecipadora”, isto é, uma consciência pautada na possibilidade real de concreticidade.

O objetivo geral é refletir sobre a utopia de transformação do pensamento patriarcal para uma sociedade ginocentrista, compreendendo o desejo latente de se (re)pensar o “risco da essência” como uma estratégia possível de decolonização da política patriarcal de Fátuas, pois percebo na obra em análise, um “tom” profeminista, que mescla ficção e teoria feminista, inquietando na leitura questionamentos sobre a prática de um outro feminismo mais próximo de uma crítica ocidental, amparado no que se chama “feminismo decolonial”, o qual contesta a colonialidade do saber e apontando para caminhos de avanço político na chave epistemológica latino-americana, sob pontos de vistas estratégicos de vozes feministas que reivindicam configurações identitárias e da demanda por seus lugares de fala (HOLLANDA, 2020). A pesquisa é de caráter bibliográfico e crítico literário feminista.

A seguir farei uma leitura de “O país das mulheres”, da autora nicaraguenese Gioconda Belli, mostrando que as mulheres membras do PEE são movidas pela força biológica da feminilidade sem conter uma atitude conservadora e limitada do “Ser Mulher”, mas com um posicionamento estratégico utópico e concreto de criação e transformação de uma política encorpada pelos valores femininos do biológico ao social, visando o enfraquecimento do poderio masculino nas estruturas de poder, que durante séculos foi movido por meio da violência em todas as suas facetas, oprimindo as mulheres assim como os homens.

O “risco da essência” na atitude utópica e decolonizadora do governo das mulheres de Fátuas

O essencialismo sempre foi um assunto que evocou polêmica e muito “assombro” para o universo da crítica feminista eurocêntrica construcionista, pois retrata a mulher numa lógica biológica considerada limitante a ponto de inquietar seriamente a filósofa existencialista Simone de Beauvoir (1967) na obra “O segundo sexo”, a qual defendeu a crença de que a feminilidade por si só limitaria a existência da mulher à imanência e à reprodução da espécie, relegando a elas toda a carga opressiva de destino existencial para a responsabilidade exclusiva do cuidado da reprodução humana; do cuidado pelos filhos/as; do cuidado pelo marido, enfim, pelo cuidado de toda a esfera privada (doméstica). Tal responsabilidade é justificada pelo

sistema patriarcal como algo naturalizado de que a mulher sempre esteve predeterminada a se dedicar gratuitamente a esta função (doméstica), sendo naturalmente excluída dos assuntos políticos de governo e de qualquer outra natureza pública.

O essencialismo criara nas mulheres o que Friedan (2020) chamou de “mística feminina”, mulheres que foram criadas para serem regozijadas pela própria lógica da feminilidade e para aceitar acriticamente a sua exclusão e não importância nas atividades de gerência das decisões públicas fundamentais, mesmo que elas tivessem alcançado o direito ao “voto” nas primeiras manifestações do feminismo, aquele voto seria destinado apenas para camuflar uma espécie de “direito” que só privilegiaria os homens, afinal, só eles poderiam ser os únicos governantes e elas seriam eternamente as “donas de casa”, totalmente devotadas aos cuidados dos/as filhos/as, dos pais e das mães quando idosos/as, dos avôs e avós e ao bem estar do marido, se assim o tivessem, para então garantir o “bem estar do lar”. Isso gerou cada vez mais o sentimento de mulheres ausentes de si mesmas, vazias por não exercer autonomamente o seu direito de existir na política e em todas as atividades sociais e públicas, até porque o trabalho doméstico também é uma atividade política de gerenciamento do lar.

Essa problemática é visível na ficção “O país das mulheres”, pois algumas delas, como é o caso da jornalista Viviana Sansón e outras companheiras, sempre se questionaram sobre a situação deplorável de miséria e desigualdade social ao qual o país de Fátuas esteve mergulhado assim como também tantas mulheres foram violentadas em seu direito de existir durante o governo dos homens. Os valores da feminilidade serviriam na obra para apontar uma postura afirmativa e autocrítica feminista em prol de “desessencializar” o essencialismo.

A jornalista de 40 anos nascida no país latino-americano de Fátuas se posiciona criticamente contra a corrupção, a miséria social, as discriminações de gênero, raça e sexualidades e resolve denunciar na mídia a relação arbitrária dos governos ditatoriais dos homens que governavam aquele país, representando a voz da mulher latino-americana, desejosa por enfraquecer toda uma sistemática opressão implantada por eles, assim como “contrariar” toda uma justificativa operada por setores feministas eurocêntricos, realizando autocríticas através do “decreto” de exclusão dos homens do serviço público e a obrigação deles em atuar no espaço doméstico, lugar onde as mulheres exerciam hegemonicamente sua “importância” perante o sistema vigente para provocar toda uma estrutura patriarcal latino-americana. Viviana Sansón após denunciar todas as corrupções dos governos ditatoriais dos homens de Fátuas e com a ajuda da própria natureza, através da emissão da fumaça tóxica expelida pelo vulcão Mitre, que enfraqueceu a virilidade e a contestação masculina, vence as eleições como presidenta implantando o Ginocen-

trismo (Governo em que os valores e experiências tradicionalmente femininos é o centro governamental do país). Ela e cinco mulheres do PEE evocam uma crítica radical de toda sistemática patriarcal a fim de renovar o olhar do feminismo sob os preceitos de um feminismo decolonial oriundo da América Latina. As atitudes governamentais destas mulheres de Fátuas provocam a transformação do feminismo humanista eurocêntrico em direção a uma postura feminista amparada pelos valores da mulher latino-americana.

Esses valores latino-americanos contestam a colonialidade do saber, do poder e do ser, pois estes subordinaram os países do Centro-Sul do planeta a reproduzirem uma hierarquia de gênero, raça e sexualidades na política e na economia, que marginalizaram os saberes locais. Para Lugones (2008), além de raça, o conceito moderno colonial de gênero no sentido de aquilo que qualifica e identifica a diferença sexual teria sido introduzido nos países latino-americanos como forma de dominação e controle do trabalho e dos corpos, pois os homens e as mulheres não europeus, isto é, pessoas indígenas e africanas, por exemplo, eram consideradas diferentes e inferiores porque não seguiam as mesmas regras de socialização e convivência das sociedades coloniais. Os povos originários que já viviam nos países do Eixo Centro Sul do Planeta eram considerados pelos europeus como selvagens e animais, sendo isto uma justificativa para implantação a todo custo de uma cultura e uma religião europeia como únicas salvadoras.

Desta forma, o feminismo conhecido “decolonial” se desfaz justamente das marcas desse colonialismo, assinalando e provocando posicionamentos, posturas e atitudes contínuas de transgressão, juntamente com a intervenção por um caminho de luta contínua na qual é possível identificar, visibilizar e incentivar lugares de exterioridade e outras construções alternativas perante o que já existe. No feminismo decolonial não se reage, mas se age na construção de alternativas positivas e inclusivas sobre os saberes e as práticas do continente latino-americano.

Então, por exemplo, o argumento de que a feminilidade limitaria a existência da mulher apenas à reprodução da espécie e aos cuidados domésticos (mãe e pai, marido, filhos/as, avôs e avós, entre outros/as) são tomados como uma contestação de que seria mais uma cumplicidade com a cultura heteropatriarcal. Young (2006, p. 177) explica:

Beauvoir mostra brilhantemente que a cultura patriarcal projetou nas mulheres todos estes aspectos da existência humana que participam da mera reprodução da vida. Entretanto, ela não clama por uma transformação da cultura na direção de uma aceitação maior da vida, do corpo e da mortalidade. Em vez disso, ela própria desvaloriza as vidas das mulheres na medida em que as encontra mais próximas à natureza e ao corpo que os homens.

Em “O país das mulheres” a partir do momento que se valoriza a feminilidade tradicional da mulher, como as características do cuidado pela vida e tendo o corpo da mulher com toda sua carga de afeto e maternidade há também uma transferência destes valores para o ambiente público na administração pública, como uma possível crítica do posicionamento de Beauvoir, que se pôs contrária a toda aproximação da mulher à natureza com o argumento de que isto possibilitaria a opressão dos homens e permanência da mulher no lugar de oprimida. Há na obra a manifestação de uma energia positiva de proposição do próprio feminino em direção ao enfraquecimento do patriarcado, através da valorização da feminilidade.

Trago a reflexão de Fuss (1989) sobre a tensão entre o essencialismo e o antiessencialismo como formas de se pensar o assunto de forma estratégica para enfraquecer a estrutura patriarcal vigente nas sociedades latino-americanas, pois não é de forma inocente que Gioconda Belli cria este universo político formado apenas por mulheres, ela o cria para mobilizar dentro da obra os próprios sujeitos excluídos da sociedade e “despossuídos da cultura” a fim de provocar uma coalizão de grupos voltados para a *práxis* política feminista (CAVALCANTI, 2017) e que no meu entender, parece ser a luta de Viviana Sansón e suas companheiras do PEE.

Fuss (1989) reflete sobre o essencialismo como uma postura poderosamente deslocadora e desestabilizadora e este modo de pensar me faz interpretar a postura do governo das mulheres em Fátuas nesta mesma ótica, pois conforme Cavalcanti (2017), mesmo que o essencialismo imerso na cultura possa provocar “estranhamentos” dentro do “campo minado” do próprio feminismo, ele oferece uma aprendizagem para os sujeitos envolvidos na história e formas estratégicas de se pensar o essencialismo na contemporaneidade.

. [...] De madrugada, Viviana propôs um Estado ginocrático, nem um único homem nas dependências dos ministérios, das entidades autônomas, dos órgãos de poder, pelo menos por seis meses.
 -Muito radical – falou Rebeca. – Eles acabariam com a gente. Além disso, o que faríamos com eles?
 -Já imaginou o bem que lhes faria bancarem os donos de casa durante seus meses? – Martina riu. – Isso sim seria uma mudança fundamental.
 - Pois poderiam construir escolas ou creches nos bairros...- sugeriu Ifigênia...fazer trabalho comunitário.
 -Isso é loucura – sentenciou Eva. – Não sejamos loucas, por favor. Deixar um monte de homens desempregados seria um golpe para as famílias. Viveriam de quê?
 -Vamos pagar um adiantamento...mas têm que admitir que seria diferente fazer qualquer coisa sem que eles nos guiem – riu Viviana. Fazermos tudo sozinhas seria verdadeiramente revolucionário.
 -Mas, infelizmente, não poderíamos preencher todas as vagas com mulheres. Por mais que acreditemos em nós mesmas, temos que reconhecer que poucas mulheres têm a formação, a experiência e o dom de comandar dos homens (BELLI, 2011, p. 86-87).

Ou seja, dentro dessa abordagem teórica do feminismo decolonial, vejo um “espírito crítico” utópico na narrativa exemplificada no enxerto acima, pois a personagem protagonista Viviana Sansón e suas companheiras do PEE trazem uma “esperança” que se realiza na *práxis* por meio do governo das mulheres, onde se reconstrói a política institucional de Fátuas, rompendo ou decolonizando os papéis de gênero modificando-os temporariamente com o decreto estratégico da presidenta eleita Viviana Sansón de que os homens não atuam mais nos serviços públicos e seriam desligados de suas atividades públicas para atuarem somente no setor doméstico de suas famílias e as mulheres teriam exclusividade no trabalho público. Essa modificação prática no governo gerou “rachaduras” no sistema heteropatriarcal e foram fundamentadas na energia criativa da mulher voltada para o cuidado da vida pública do país, gerindo a sociedade de forma cooperativa, amparando-se no contato e nos cuidados da população como se estivesse cuidando da própria casa. O diálogo entre as componentes do PEE acima demonstra o debate em todo da possibilidade de transformação dos papéis de gênero mesmo diante do medo de não alcançar tal proeza, elas assumem o desafio e seguem juntas em busca da equidade dos papéis de gênero no país de terceiro mundo chamado Fátuas, secularmente comandado por homens misóginos e patriarcais.

A utopia presente na obra recai no sentido profundo e íntimo do conceito de esperança, enquanto “afeto da espera” e da expectativa com as camadas da categoria possibilidade, numa visão filosófica chamada por Bloch (2005) de “consciência antecipadora” e “sonho diurno”:

O sonho diurno pode proporcionar ideias que não pedem interpretação, e sim elaboração [...] os sonhos de um mundo melhor como um todo buscam a exterioridade de sua interioridade [...] O poder da antecipação com o seu espaço aberto e seu objeto a ser realizado para frente, chamado de utopia concreta – para diferenciá-lo do utopístico e da mera utopização abstrata (BLOCH, 2005, p. 93-156).

O autor explicita a função utópica da consciência antecipadora numa relação em que a exterioridade do que já existe é transformada com a ação concreta de uma revolução, ultrapassando as fronteiras do utopismo abstrato e é isso que acontece com as determinações de Viviana Sansón, pois ela age na exterioridade do que já existe, implantando uma outra versão de governo transformada sob o ponto de vista da feminilidade. A utopia de “O país das mulheres” atua no caráter positivo dos produtos da imaginação social, com a força criadora e subversiva das mulheres desligadas de toda forma de patriarcado, agindo no sentido de que os “sonhos diurnos” acontecem na prática governamental sob a postura de uma “essencialismo estratégico” como forma de “decolonizar” Fátuas do poderio político opressor dos governos seculares dos homens.

Discutia-se se o poder exercido pelas mulheres seria diferente, se o erotismo era diferente da pornografia ou se a esquerda ainda tinha razão de ser. O melhor de tudo foi que, quando os comentaristas e jornalistas revelaram-se trogloditas, traíndo seus esforços em parecer homens modernos, as mulheres tomaram a discussão para si e expuseram com veemência e surpreendente simplicidade seu desgosto e a incredulidade no fato de os homens considerarem natural a divisão dos sexos, que às mulheres prescrevia a exclusão, a exploração e uma infinidade de desvantagens. Os debates geravam verdadeiras lutas verbais. Mulheres de avental, modelos, mães, beatas, intelectuais, profissionais e putas telefonavam aos programas para defender os direitos da mulher, queixar-se da solidão da maternidade ou para perguntar sobre a explosão do vulcão e o déficit de testosterona. [...] Viviana e as outras afinaram o discurso e as respostas: falaram sobre reformas na democracia, na constituição, nos métodos educacionais e nos centros de trabalho. Em suas críticas, incluíram fragmentos de filosofia popular e usaram o arsenal de sua memória, citando frases que incluíam desde as teorias de Deepak Chopra, Fritjof Capra e Marx, até as teses feministas de Camille Paglia, Susan Sotag, Celia Amorós e Sofia Montenegro”. (BELLI, 2011, p. 93).

Conforme a citação acima extraída do romance, a voz da mulher é cada vez mais forte no espaço público, atingindo os meios de comunicação e o pensamento machista dos homens, ressignificando, inclusive, a palavra ‘erótico’ não como sinônimo de pornografia e vulgaridade, mas como energia vital e criativa de desconstrução de uma sociedade pautada secularmente pelo preconceito e misoginia, para uma outra sociedade, dialógica em busca da equidade e da democracia, onde todos e todas têm voz e defendem os direitos das mulheres amparando-se nas leituras Deepak Chopra, Fritjof Capra e Marx, até as teses feministas de Camille Paglia, Susan Sotag, Celia Amorós e Sofia Montenegro, autores e autoras consagrados/as da área. Para Deplagne (2019) os estudos literários utópicos de autoria feminina têm se destacado e conquistado espaço na crítica literária feminista, por trazer justamente essa ampliação do pensamento utópico, principalmente, para gerar nas narrativas, um pensamento teórico sobre a força e a energia utópica sob o ângulo crítico das Instituições e as práticas governamentais sob o olhar da mulher.

Com base nisso, os estudos críticos da utopia, na perspectiva da escrita de mulheres, trazem o texto literário marcado pelo corpo e pelo lugar em que está inserido, desde a família patriarcal na cidade, no país ou no seu continente, configurando narrativas profeministas, isto é, narrativas em que abordam a luta feminista nas histórias de vida das próprias personagens dentro do enredo. Como afirma Gargallo (2006, p. 95):

a mediados del siglo XX, las escritoras latinoamericanas empezaron a manifestar masivamente que su escritura estaba determinada por su cuerpo y por el lugar que éste tenía en las historias familiar, na-

cional y continental. Seguramente sus narraciones contribuyeron al metarelato del patriarcado latinoamericano, con sus especificidades: machismo, caciquismo, dominación étnica, paternidad ausente, pero anhelada y dominante, traición de la madre, matrimonio forzado, sujeción sexual, indefensión social. A la vez, contaban, historiaban, recreaban una inmensa variedad de molestias, dudas y resistencias femeninas frente al orden patriarcal, y lo hacían desde el dolor que les provocaba la conciencia de que sus madres defenderían a sus hermanos contra cualquier poder que los amenazara, mientras sus padres respetarían la (el) orden que determina que las mujeres pasan de las manos de un hombre a las manos de otro(s) hombre(s). En otras palabras, delataron en su literatura algo que el historiador Hayden White formuló para toda expresión escrita de las ideas, esto es, que “el pensamiento permanece cautivo del modo lingüístico en que intenta captar la silueta de los objetos que habitan el campo de su percepción”².

Com base nisto, os estudos literários críticos feministas e utópicos oferecem a possibilidade de análise e questionamento do que as mulheres personagens de obras literárias protofeminista. Para Moylan (2016, p. 2) “a utopia oferece uma alternativa para reflexão de problemas de um tempo específico”, problemas estes, que Gonzalez (2020) já os mencionava como “ladinoamefricanos”, enraizados no universo dos povos do Eixo Centro-Sul continental, invisibilizados e não discutidos na “voz” identitária de mulheres de cor, mulheres de todas as “tribos”, crenças, raças, etnias, sexualidades, entre outros.

A política ginocrática proposta por Viviana Sansón e suas companheiras do (PEE) visa decolonizar e “desessencializar” tanto o patriarcado como o feminismo ocidental branco e elitizante, para então, enfraquecer a cultura vigente e hegemônica. É perceptível a crítica da cultura nesta obra atravessando a própria forma de educação das crianças:

as próprias crianças decidiam o que queriam aprender e não se sentiam obrigadas a fazer isso ou aquilo [...] além das disciplinas como gramática e ciências, tinham aulas de maternidade, fossem homens ou mulheres. Os homens saíam doutores em trocar fraudas, pôr para arrotar, dar colo e cuidar das crianças (BELLI, 2011, p. 48).

² em meados do século 20, as escritoras latino-americanas começaram a manifestar massivamente que sua escrita era determinada por seu corpo e pelo lugar que teve na história familiar, nacional e continental. Certamente suas narrativas contribuíram para a metanarrativa do patriarcado latino-americano, com suas especificidades: machismo, despotismo, dominação étnica, paternidade ausente, mas desejada e dominante, traição da mãe, casamento forçado, sujeição sexual, desamparo social. Ao mesmo tempo, contavam, gravavam, recriavam uma imensa variedade de aborrecimentos, dúvidas e resistência feminina contra a ordem patriarcal, e eles fizeram da dor causada pela consciência de que suas mães defenderiam seus irmãos contra qualquer poder que os ameaçasse, enquanto seus pais respeitariam a ordem que determina que as mulheres passem das mãos de um homem para as mãos de outro(s) homem(s). Em outras palavras, eles traíram em sua literatura algo que o historiador Hayden White formulou para toda expressão escrita de ideias, isto é, que “o pensamento permanece cativo do modo lingüístico em que tenta apreender a silhueta dos objetos que habitam o campo de sua percepção” (tradução própria).

A educação é ressignificada desde a infância, pois as crianças aprendem desde cedo que as atividades domésticas são atribuídas de forma igualitária a homens e mulheres e isso é ampliado para outros setores da sociedade, do espaço privado para o público, significando assim uma utopia na *práxis*, onde a esperança recai no que que Gargallo (2006) demonstra sobre a luta das mulheres latino-americanas: a autonomia, o sonho de afastamento da hegemonia política implantada pelos homens e a aproximação de uma transformação social, onde até mesmo o feminismo ocidental e eurocêntrico é questionado, pois ele ainda estaria ligado às estruturas patriarcais. A luta das mulheres latino-americanas parte do próprio corpo, desde o biológico, materno, cuidador, criativo, intuitivo e que repudia os cânones individualistas do patriarcado:

El repudio a los cánones patriarcales, por lo tanto, no debía servir para dialogar con el mundo de los hombres ni para reclamarle algo, sino para reflexionar sobre la acción feminista, reconocer la diferencia entre mujeres como algo que sustenta la libertad y no impone la desigualdad: un derecho y una perspectiva política. Con esto socavaban una utopía feminista fundamental: la identidad de las mujeres feministas, la posibilidad de mirarse una en el espejo de la otra. Construían el derecho a la diferencia, primero desde una diferencia con respecto al sistema de dominación patriarcal y, en un segundo momento, ofrecían a las mujeres la legitimidad de sus individualidades y la posibilidad de unirse alrededor de la construcción de un derecho sexuado que tomara en cuenta las necesidades de ambos sexos, ninguno de los dos supeditado al otro; una economía no financiera ni especulativa, sino de intercambios múltiples, de colaboración con el medio ambiente y entre las personas y los pueblos; una ética no normativa, de colaboración, un juego de libertades que se reconocen y respetan y una organización política vocera y no instructora (GARGALLO, 2006, p. 136-137).

Isto é, o repúdio aos cânones patriarcais não deve dialogar com o mundo dos homens, mas com as próprias mulheres, na possibilidade de que elas mesmas se “olhem no espelho” reconhecendo suas diferenças, lutando por uma sociedade afastada destes cânones. As mulheres do PEE rejeitam o sistema patriarcal e propõem outra possibilidade política onde elas constroem o direito da diferença entre elas mesmas e não em relação ao sistema patriarcal, levando em consideração a colaboração e a equidade neste processo de mudança social, política e cultural.

Como Moylan (2016) afirmou, a utopia oferece uma alternativa para reflexão e exercício de pensar uma forma de transformação social e dinâmicas radicais pautadas no “aqui e agora”, neste sentido, percebo que “O país das mulheres” caminha neste processo de transformação e enfraquecimento de uma sociedade dominada por um sistema opressivo como o patriarcado, que historicamente colaborou intensamente para a subordinação de mulheres e homens, gerando a desigualdade em todos os seus aspectos, sejam de classe, raça, etnia, sexualidades, entre outros.

Toda essa postura governamental de Viviana Sansón evoca na obra para o desejo de uma política na *práxis* em prol de um feminismo decolonizado que desconstrói e “desmantela” estruturas vigentes performando a atitude de “feministas decoloniais que optam por não ignorar a violência sistêmica contra as mulheres” (VERGÈS, 2020, p. 110).

Vejo propostas decoloniais que “oferecem um pensamento crítico para entendermos a especificidade histórica e política de nossas sociedades” (CURIEL, 2020, p. 121), isto é, mulheres latino-americanas, de cor, chicanas, pobres, mulatas, negras, lésbicas, entre outras, atuando com visibilidade na obra, quebrando barreiras antes impossíveis de serem implodidas perante o governo dos homens ditatoriais e heteropatriarcais.

O projeto decolonial, segundo a teórica supracitada surgiu de um grupo de intelectuais e ativistas latino-americanas situadas inicialmente nos Estados Unidos, na Universidade do Estado de Nova York (SUNY) e Universidade de Duke, assim como das universidades latino-americanas que resistem aos estudos epistemológicos do sistema heteropatriarcal, apresentando o conceito de decolonialidade como o fim do colonialismo, isto é, o fim da constituição geo-política e geo-histórica da modernidade ocidental europeia e trazendo uma nova compreensão acerca das relações globais e locais, das relações entre as práticas políticas coletivas com os feminismos críticos e contra-hegemônicos.

De acordo com Curiel (2020), o feminismo decolonial traz reflexões críticas e contra-hegemônicas, revisando e problematizando bases históricas do feminismo desenvolvido na Europa, ampliando conceitos e teorias-chave de pensadoras/es latino-americanas/os, fornecendo uma revisão do papel, da importância e das contribuições da teoria feminista vinda da Europa e dos Estados Unidos, citando a teórica Yuderkys Espinosa, afro-dominicana, lésbica, feminista autônoma e decolonial para explicar a decolonialidade e a postura das ativistas e pensadoras sobre o assunto:

[...] várias das que compõem o grupo retomam o feminismo materialista francês com seu questionamento da ideia de natureza, sua compreensão da categoria mulheres como classe do sexo e a análise da heterossexualidade como regime político. Também se alimenta da revisão crítica do essencialismo, do sujeito do feminino e da política de identidade [...] recuperam o legado de autoras-chave do feminismo pós-colonial, com sua crítica à violência epistêmica, a possibilidade de um essencialismo estratégico (CURIEL, 2020, p. 129).

Dentro do contexto teórico supracitado, verifico que “O país das mulheres” apresenta uma narrativa onde os acontecimentos desenrolam-se nesta tendência de revisão crítica do essencialismo como uma possibilidade de recuperação do legado teórico do feminismo nascido no Eixo Centro-Sul do planeta, pondo na realidade

da narrativa questionamentos em torno da colonização europeia, do patriarcado e a postura das feministas eurocêntricas, brancas e burguesas que não viveram ou discutiram positivamente as questões da natureza biológica da mulher como aspectos positivos para saída das situações de submissão, opressão, violências e imperialismos às quais as mulheres latino-americanas vivenciaram durante séculos.

As mulheres do (PEE) fazem um trabalho processual de busca pela consciência de mulheres e homens apontando soluções para uma transformação de consciências em uma sociedade que vai se pautando pelo senso de cooperação e ajuda mútua em comunidade. Ou seja, uma construção na *práxis* por uma utopia concreta e horizontal sem quaisquer hierarquias, onde as comunidades urbanas, rurais, culturais, entre outras, possam atuar contra uma sociedade individualista criada pelo patriarcado e suas artimanhas, transformando, paulatinamente através de atitudes governamentais dentro de toda base e superestrutura societal, as consciências de mulheres e homens. Como diria Carvajal (2020, p. 197, “Não queremos nos pensar como mulheres perante os homens, mas nos pensar como mulheres e homens em relação a uma comunidade”. Desta forma, verifico que em “O país das mulheres” a luta de mulheres se dá numa gestão da sociedade em comunidade, sendo assim característica vital das lutas decoloniais.

Considerações finais

Através da leitura crítica de “O país das mulheres”, de Gioconda Belli, foi possível destacar a inter-relação entre utopia e decolonialidade no contexto estratégico do essencialismo pensado por Fuss (1989) como forma de mobilizar e transformar consciências em prol de sujeitos excluídos e despossuídos, no caso em particular, das mulheres do país latino-americano, Fátuas, historicamente marcado pelas opressões dos homens nos governos ditatoriais e heteropatriarcais.

O feminismo ginocentrista impulsionado pelo governo de Viviana Sansón e suas companheiras do (PEE) nasce com um viés decolonial, visando promover e transformar consciências a partir de uma mudança de postura na gestão do país, colocando na prática o sonho utópico, não como uma sociedade perfeita, mas como uma sociedade em construção, pautada na cooperação das próprias mulheres com elas mesmas, assim como entre elas e os homens nesta sociedade ginocrática.

A opção pelo “risco da essência” de Viviana Sansón ao retirar temporariamente os homens do serviço público e os obrigar a atuarem apenas no espaço doméstico, exercendo os cuidados com os/as filhos/as visou produzir nas consciências deles a valorização do trabalho doméstico e a formação de uma nova postura de governo amparada no cuidado atento da casa e do país, visando enfraquecer os pensamentos individualistas e competitivos do patriarcado e desconstruir paula-

tinamente o sistema opressivo de desigualdade entre homens e mulheres tanto no espaço privado (doméstico) como público. Assim, processualmente, as consciências por uma sociedade mais igualitária e cooperativa se edifica a partir dos valores da feminilidade de forma positiva dentro da obra.

Referências

- BELLI, Gioconda. **O país das mulheres**. Campinas, SP: Verus, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. (trad.) MILLIET, Sérgio. 2ª ed. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BLOCH, Ernest. **O princípio da esperança**. São Paulo: Verus, 2005.
- CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. *IN.*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2020. p. 195-204.
- CAVALCANTI, Ildney. Diana Fuss: ‘desessencializando’ o essencialismo. *IN.*: BRANDÃO, Izabel *et al* (Org). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)**. Florianópolis/SC: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p. 398-406.
- CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *IN.*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2020. p. 121-138.
- DEPLAGNE, Luciana Calado; CAVALCANTI, Ildney (Orgs.). **Utopias sonhadas/Distopias anunciadas – feminismo, gênero e cultura queer na literatura**. João Pessoa: EdUFPB, 2019.
- FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. (trad.) BITELLI, Carla; YACUBIAN, Flávia. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- FUSS, Diana. O ‘risco’ da essência. (trad.) CAVALCANTI, Ildney. *In.*: BRANDÃO, Izabel *et al* (Org). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)**. Florianópolis/SC: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p. 362-397.
- FUSS, Diana. The Risk of Essence. *IN.*: FUSS, Diana. **Essentially Speaking: feminism, nature & difference**. New York & London: Routledge, 1989. p. 1-21.
- GARGALLO, Francesca. **Ideas feministas latinoamericanas**. 2ª. ed. Ciudad de México: História de las ideas, 2006.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2020.
- LEMOS, Bethania Guerra de. Fogosa e intensa pupila. *IN.*: BELLI, Gioconda. **O olho da mulher**. (trad.)DIOGO, Silvio. Diamantina, MG: Arte Desemboque, 2012. p. 9-14.

LUGONES, María. **Colonialidade de gênero**. Tábula Rasa. Bogotá. N.º 9. Jul-dez, 2008.

MOYLAN, Tom. **Distopia**: fragmentos de um céu límpido. (eds.) CAVALCANTI, Ildney; BENÍCIO, Murilo. (trad.) BENÍCIO, Murilo; FORTUNATO, Pedro; IBSEN, Thayrone. Macei-as: EDUFAL, 2016.

YOUNG, Iris M. Humanism, Gynocentrism, and Feminist Politics. *In.*: HACHETT, Elizabeth; HASLANGER, Sally Anne. **Theorizing feminisms**: a reader. New York: Oxford University Press, 2006. p. 174-187.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. (trad.) DIAS, Jamille Pinheiro; CAMARGO, Raquel. São Paulo: Ubu Editora, 2020.